

DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 630

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ALCANTARA

■ ORGULHO ■

Por MANUEL FERREIRA

DESDE que o menino António fóra para a escola primária da Nazaré, havia, permanentemente, questões à hora do recreio.

Morador em Leiria, num rico palácio, o pai do menino António, por indicação médica, teve de ir para o solar da Nazaré, que dava sobre o mar, convalescer duma grande enfermidade. Mas, para que os estudos do pequeno não sofressem interrupção, tanto mais que já se encontrava na última classe de instrução primária, matriculou-o na escola da vila.

Menino fino, mimado pela mãe, para

quem era o seu *ai Jesus*, o Antoninho, deslocado naquele ambiente de pescadores tornava-se, dentro em pouco, aborrecido pelos colegas.

Na mais pequena frase manifestava orgulho. Quando para lá foi, os pequenos perguntaram-lhe o nome. Mas ele, com ares superiores, retorquiu:

— «Tenho um nome muito comprido...»

E, como os rapazes insistissem, respondeu de afogadilho:

— «D. António de Almada de Bragança Menezes Lencastre de Faria Correia de Sousa Câmara Caldeira da Gama Cabral.»

Os pequenos riam, pouco respeito-



samente. Mas o fidalguinho, imperturbável, explicava:

— «Sou Almada, por parte do conde de Abranches, Bragança, pelos reis de Portugal, Menezes, porque descendo de D. Henrique de Menezes, governador da Índia, Lencastre, por parte da rainha D. Leonor, Faria, pela parte do alcaide de Faria, Correia, por ser décimo neto de D. Palo Correia, Sousa, por descender de D. Afonso III, Câmara, do lado de Gonçalves Zarco, descobridor da Madeira, e Caldeira da Gama Cabral, porque sou parente de Vasco da Gama e Alvares Cabral.»

Quando, porém, justificava os últimos apelidos, já os saloios estavam longe, a jogar o eixo...

O pai, sempre que o via importuno, repreendia-o asperamente. E um dia...

...O caso foi falado. Houve uma tempestade no mar. No barco *Senhora da Guia*, um pobre velhote, o Zeferino, e o neto, um garoto de 15 anos, debatiam-se com as ondas. Então, um humilde sapateiro da aldeia, o *Zé Marujo*, vendo o perigo que os infelizes corriam e que não estava ali nenhum pescador, atirou-se ao mar.

Antigo marinheiro, o valente ho-



(Continua na página 3)

A HONRA

POR JOSINO AMADO

NA lição de moral,
Que deu o professor, em quarta-feira,
Chamou ao pé de si o Parsifal,
Um pequenito louro da primeira.

É um pobre petiz,
Filho duma família desgraçada.
A mãe tuberculosa, uma infeliz,
Olhos vivos e face descarnada.

O pai é operário,
Um modesto, um humilde cavador,
A sustentar com mísero salário
Mulher e quatro filhos, um horror!

Vivem num casinhoto
Térreo, de telha vã, esburacado.
O filho mais novinho, sujo, rôto,
Pede, às vezes, de noite, envergonhado.

O Parsifal, no entanto,
Tem gosto de saber, aprende bem.
O seu olhar azul é um encanto,
E quer imenso à sua pobre mãe.

O mestre gosta dêle,
Sentou-o, até, ao pé do seu filhinho.
Dá-lhe livros, cadernos e papel,
Lápis de côr, aparos e carinho.

Na quarta-feira pô-lo
Sobre o estrado e falou depois assim:
— «O que vos vou contar, é um consólo
Para esta criancinha e para mim.

Ontem, depois da ceia,
Foi procurar-me o pai d'êste pequeno.
De comoção trazia a alma cheia,
E, mal que se sentou, falou sereno:

— «Ao sair para a geira,
Na estrada que da aldeia, à vila segue,
Encontrei, de manhã, esta carteira
Que deposito para ser entregue.



Tem notas e papéis
E alguns cartões, mas eu não os sei ler.
As notas são uns dez contos de réis,
Os cartões são uns quatro. Queira ver.» —

Quando ia a pegar nela,
Batem à porta. Eu, pondo-me de pé.
— «Já vemos isso, — (disse. E da janela :)
Faça favor de entrar, entre quem é.»

O pobre cavador
Mete ao bolso a carteira do dinheiro.
Quem entra exclama: — «Guardo-o Deus, senhor!
Era o Gil, ambulante, que é tendeiro.

E, tristemente, diz:
— «A caminho da feira... antes não fôra!...
A carteira perdi, senhor juiz,
Oh! que desgraça, o que farei agora?!...»

— «Era grande a quantia?»
Eu pergunto ao tendeiro. — «Deve andar
Por uns dez contos... O que possuía!...
Disse — Quanto lutei para os ganhar!...»

— «Descanse, pelo visto,
— Disse o geireiro — o que eu achei é seu...
E, mostrando a carteira: — Será isto
O que o senhor pela manhã perdeu?» —

(Continua na página 7)

CARTA PARA O CÉU

por LUIZA MARIA ALBINO

Pediste-me, ontem, que te ensinasse a escrever uma cartinha ao Menino Jesus para que Ele te trouxesse, na noite de Natal, aquela linda boneca que ontem admiraste na montra dum bazar. Gostaste imenso dela e ficarás triste se a não possuíres. Todos os anos o Menino Jesus te tem brindado, como a todos os meninos bons, mas ouve-me com atenção. Terás tu praticado sempre o bem? Escuta atentamente as minhas palavras e perceberás a razão porque me recusei a ensinar-te a fazer essa carta. Consulta o teu coraçãozinho, pequenino, é certo, mas muito bom, e a tua inteligência bastante desenvolvida para os teus oito anos. Ouve a voz da tua consciência, responde às perguntas que ela te fizer e verás se mereces essa linda boneca.

Tens tu sido, na verdade, uma boa menina? Quantas vezes ao dia tu praticas maldades? Sei que gostas muito da tua mãezinha e, no entanto, quantas vezes a fazes arrelhar com as tuas traquinices? E a tua pobre gatinha «Violeta» quanto tem sofrido nas tuas mãos?!

Quantas vezes a sôpa deixas ficar no prato, quantas vezes o guardanapo vai parar ao chão e a pobre criada sofre por tua causa?

E... mais não preguntarei porque já vejo lágrimas nos teus olhos.

És boa, sim! O teu coraçãozinho é generoso, mas, algumas vezes, tu és má, teimosa e traquinosa. Sabes bem que a tua amiguinha não gosta que sejas assim, que fica triste, sempre que ouve dizer que te não emendas. E se eu não

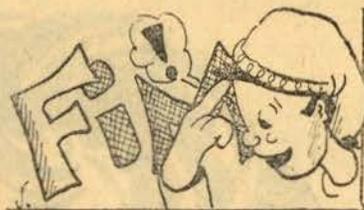
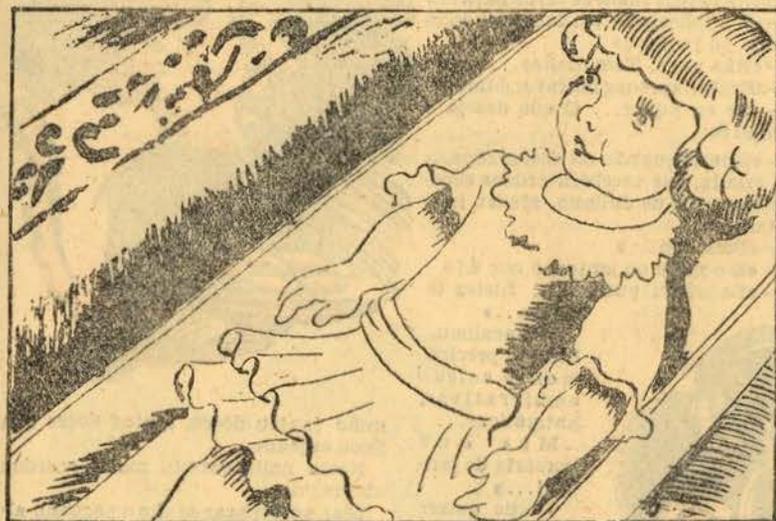


gosto, se eu soffro, pensa agora quanto o Menino Jesus estará triste por te saber assim.

Pois bem, Anita, este ano não lhe pedirás nada, não é verdade? Tu não queres a boneca, pois não? Sabes que a não mereces, pois tens sido má.

O Menino Jesus é muito bom e talvez te desculpasse, mas tu vais dizer-lhe que ficas com pena mas desistes da boneca porque a não mereces; que vais ser muito boa este ano; que não serás mais teimosa nem traquinosa, não é verdade?

Se na verdade cumprires tudo isso, se não fizeres zangar esta tua amiga que muito te quere, prometo-te que para o ano próximo te ensinarei a escrever uma linda cartinha ao Menino Jesus. Então, não me recusarei como ontem fiz..



O R G U L H O (Continuado da página 1)

mem nadou desesperadamente, ao encontro dos naufragos. Chegou lá, salvou o velho e, reanimando-o, veio pô-lo na praia. Depois, correu ainda para o mar, a salvar o petiz. Quando, extenuado, o Zé Marujo chegou, outra vez, a terra, tóda a gente o saudou com palmas e vivas. Levou a casa, onde se reconfortou, o herói foi depois muito cumprimentado. O pai do menino António foi abraçar o homem, pois sentia enobrecer ainda mais os seus pergaminhos ao sentir junto do peito o coração dum bravo.

Só o fidalguinho, cheio de torvo orgulho, não queria cumprir o seu dever. O pai admoestou-o. Mas o pequeno esquivou-se:

— «Então eu, descendente de fidalgos e reis, havia de abraçar um simples sapateiro só porque salvou duas pessoas?

O pai, em vez de o repreender, limitou-se a observar:

— «Olha lá, tu és descendente dos Braganças, não é verdade?»

— «Sou, sim; dos reis de Portugal, pela parte de minha mãe.»

— «Então, diz-me cá, de quem era filho o primeiro duque de Bragança?»

— «De D. João I, mestre de Aviz.» — respondeu o pequeno.

— «E de quem?»

— «De D. Inês Esteves.»

— «E de quem era filha D. Inês Esteves?»

— «Não sei, meu pai.»

— «Não sabes, mas vais saber. O avô do primeiro duque de Bragança, de quem descendem todos os reis da Europa e os imperadores do Brasil, era um sapateiro alentejano, chamado Pedro Esteves. E quem foram os pais de muitos fidalgos e o que eram mul-

tos futuros fidalgos? Homens do povo...»

Já vês, Antoninho, que tu, filho de titulares e bisneto de Reis, és descendente dum sapateiro. Portanto, vai abraçar o Zé Marujo. É um herói. E lembra-te sempre do que eu, agora, te disse.»

O Antoninho assim fez. Daí para o futuro, esquecia o seu grande orgulho para falar, delicadamente, a todos. Como dantes se tornara notado pela sua vaidade, passou a sê-lo pelas suas boas acções.

E nunca mais houve questões com o menino do solar da Nazaré.

F I M

O JULINHO GULOSO



Por
Leonor de Campos

— «Come a sôpa, Julinho...»
— «Não tenho vontade!...»
Julinho não tinha nunca vontade de comer, quando lhe colocavam na frente um prato de sôpa, arroz ou batatar. Mas se se tratava de doce, fruta ou qualquer petisco, comia com tal avidez, que mais parecia um porquinho do que um menino educado.

Isto durou muitotempo, muito tempo. Julinho tinha quasi 10 anos e não se modificava, embora os pais ralhassem e, por vezes, o castigassem.

Mas, certo dia, o pai, depois de muito pensar, julgou ter encontrado uma forma de conseguir emendar o rapazinho. De combinação com a mãe, traçou-se um plano.

Nessa tarde, quando chegou da escola, o Julinho, como de costume, pediu o lanche!

— «Já está pronto, menino.» — Respondeu a criada.

Julinho dirigiu-se à sala de jantar. Lá estava a sua chávena de leite, muito docinho. Ao lado, um prato de pastéis de nata e doces de ovos.

— «E o meu pão com manteiga?» — perguntou o petiz.

— «Não há, menino. A mãezinha diz que o menino tem que jantar cêdo e portanto é melhor comer só os doces...»

— «Bem bom! Bem bom!...» — exclamou o guloso.

Bebeu o leite, muito mais doce do que de costume, e comeu bolos até não poder mais.

Um pouco antes da hora de jantar, a criada foi chamá-lo à sala de brinquedos:

— «Menino, a mãezinha quer que jante mais cêdo, porque veem pessoas de fóra e depois fazia-se tarde para si.»

— «E a mãezinha vai fazer-me companhia ao jantar?»

— «Não pode. Tem visitas...»

— «Então, fazes-me um favor, Maria?»

— «Se eu puder... O que deseja o menino?»

— «Querias que não me desses sôpa...»
A criada, que recebera ordens especiais dos pais de Julinho, acedeu imediatamente:

— «Pois sim...»

— «E o resto do jantar, o que é?»

— «Bacalhau guisado... filetes de carne...»

— «Bacalhau, filetes... precisamente coisas emburrativas, antipáticas...»

Mas que porcaria de jantar!...»

— «Se quiser — disse a criada em confidência — ainda temos doces de ovos e

pasteis que sobram do lanche...»

— «Isso é que era um jantar delicioso...»

— «Então, venha. Vou dar-lhe os que quiser!...»

— «És uma joia!... És um amor de rapariga!...»

E, os olhos brilhantes de prazer, a esfregar as mãos uma na outra, o Ju-



linho jantou doces, tantos doces que ficou enjoado.

Nessa noite dormiu mal e acordou aborrecido.

Mas, ao deparar-se-lhe o pequeno almoço, desapareceu o aborrecimento.

... Mais doces de ovos... mais pastéis... mais guloseimas... Que felicidade!...

Decididamente a sua casa estava a transformar-se no paraíso!... E certo que o pão com manteiga lhe fazia um pouco de falta. Mas o doce era tão bom!...

Ao meio dia, o Julinho veio almoçar a casa. Os pais tinham saído. E o pequeno não comeu sôpa, nem batatas, nem peixe...

Só bôlos!... Mais bôlos!... Muitos bôlos!...

Depois... veio o lanche... E veio o jantar... e o petiz continuou a comer bôlos!...

Mas... já não estava a achar muita graça à brincadeira... Chegou a dizer à criada:

— «Se houvesse lá pela cozinha qualquer coisa que se comesse...»

— «Então, o menino não está a comer?»

(Continua na página 7)



A VOLTA

POR GRACIETTE BRANCO

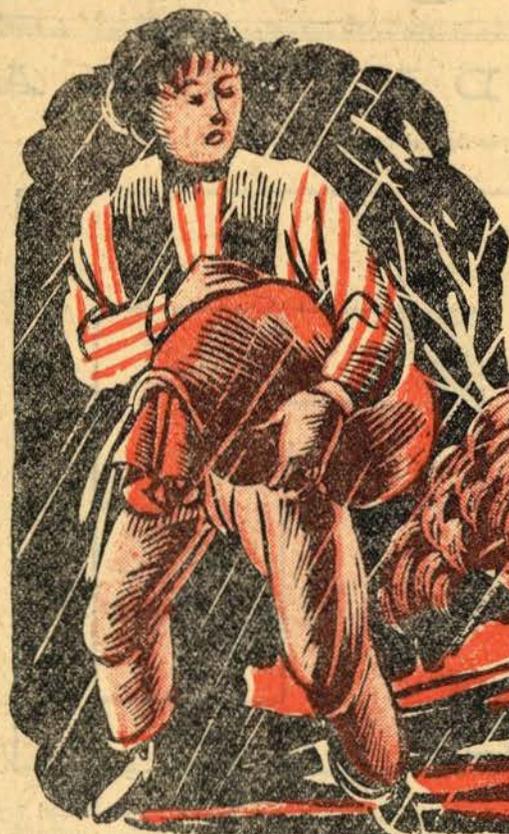


NAQUELA manhã, o Francisco não conseguira trabalhar na forja, ao lado do pai, embrenhado numa teia de pensamentos que, inteiramente, lhe absorviam a atenção. Um vago e teimoso sorriso franzia-lhe os cantos da boca, enquanto o olhar, saltitando distraído sobre as coisas, seguia a rota da sua imaginação ardente e exaltada.

Oh! Não mais voltaria a trabalhar na forja! Para quê, dias e dias inteiros a martelar no ferro, mãos enegrecidas, cabeça atordoada, pensamento perdido, quando lá fora havia tanto sol, tanta cor e na sua alma tanta mocidade e tanto desejo de liberdade e loucura!

— «... Ná!... Se queriam fazer-me ferreiro, não puzessem tanta luz no Sol, tanto encanto na vida e tanto desejo na alma! Ou, então, vendassem-me os olhos, matassem-me os desejos, não me deixassem aprender a sentir!...»

Ali perto, no campo de Arribana, o acampamento dos saltimbacos era a estrelinha mágica dos seus desejos. Vira, noites e noites inteiras, os seus trabalhos. Que divertido e engraçado era tudo aquilo! E que bela vida levavam, rindo, saltando e cantando, de terra em terra, sempre a ver coisas novas!...



Precisavam dum rapazola de 14 anos. Na véspera fora ele próprio oferecer-se e ficara combinado que, durante a noite, fugiria de casa e a caravana pôr-se-ia em marcha por toda a madrugada. Que bela iria ser a vida! Vida nova! Cenário novo! Nem acreditava em tanta felicidade!

Apenas uma ruga, de quando em quando, lhe vincava, teimosamente, a testa.

... Que diacho!... A Mãe iria chorar muito! Era Mãe e demais adorava-o. O Pai também mas, em suma, os pais sempre têm a sua vida mais distraída e preocupada, talvez lhe passasse mais depressa. A Mãe, a Mãe é que era o pior!...

Ah! Bom! Mas ele era um homem! Só os maricas é que choram e se preocupam com casos sentimentais. Iria.

Chovia a potes quando o Francisco, com a trouxa de roupa debaixo do braço, pé ante pé, saíu de casa dos Pais.

O tchác-tchác dos pés nas poças de lama, despertou o cãozito, guarda da horta, que ladrou durante dois minutos, mas logo em seguida se calou, aninhando-se no fundo do casinhoto, com um suspiro tranqüilo e friorento.

Toda a aldeia dormia placidamente; uma mão cheia de casitas pobres. O vento açoitava as árvores e a chuva escorria dos telhados, enquanto um ou outro gato gemia tristemente...

— «Eh lá! Sou eu, o Francisco! Abram a porta!»

— Ah! É você? Lá vai! Lá vai!»

E alta madrugada, quando a aldeia ainda não despertara para a rude luta da vida, a traquitana pôs-se, lentamente, em marcha, levando consigo mais uma alma e dois olhitos espertos, e atrevidos, em busca de novos horizontes.

Dias seguidos, toda a semana, a aldeia em péso, esprei-



tou as redondezas, na esperança de topar, parada em qualquer logarejo, a traquitana sórdida dos saltimbacos.

Mas nada! Aqueles olhos de Mãe, profundamente amorosos e profundamente tristes, foram as vítimas principais daquele inconsciente sonho de criança. No Pai, só os longos silêncios comoviam. Enraivecido, às vezes, jurava que havia de encontrá-lo e espancá-lo desalmadamente; mas, logo, encontrando aqueles pobres olhos de Mãe — fonte inexgotável de amor e de perdão—arrependia-se, torcia as mãos e ficava



de cabeça caída, fechado num grande silêncio, horas e horas, a olhar para o chão onde o seu sonho caíra.

A forja, agora, era lúgubre! O martelar do ferro era mais monótono e atordoante.

Não havia ali dentro, naquela escuridão triste, um sorriso de mocidade, o peso leve dum sonho...

Em um ano se passou, um ano longo e vazio, um ano apático para aqueles pobres Pais, unidos na sua desdita, amolecidos na sua esperança.

O inverno passou. A primavera veio... Todas as manhãs o pobre ferreiro, depois do frugal almoço, partia para a forja, já velho embranquecido, alquebrado, ao peso de tão profunda máguia!

Toda a aldeia era um hino: — «Salve-o Deus, Ti'Jaquim!» «Bom dia, Ti'Jaquim!...» e o velho correspondia com vagas palavras que mal articulava.

Mas, naquela manhã, com as árvores cheias de rebentos novos; um Sol esplendoroso, abraçando a Natureza; chilrear de pássaros entre latadas de rosas; regatos cantando entre seixinhos transparentes; o velhote ergueu a cabeça e sorveu, fortemente, o ar puro e festivo da manhã primaveril.

Era naquela quadra, cheia de poesia e alegria de viver, em que as borboletas brancas, num bailado lírico, poisavam sobre as flores e volteiam no espaço.

Existe, por influência da natureza, uma segunda primavera dentro de nós.

Admiram-se belezas, descobrem-se perfumes e há um êxtase de sorriso e encantamento em todas as bocas.

O pobre ferreiro sentiu também a primavera! Mas, num gesto brutal e enérgico, afastou-a de si, enrugou a fronte e

caminhou absorto. De súbito, ergueu a cabeça. Da forja partiu um ruído estranho, um martelar alegre e contínuo. Havia, também, nesse ruído, qualquer coisa de primaveril e de novo. Surpreendido, apressou o passo e ao transpôr a velha porta da forja, um grande Ah!... de estonteamento e alegria, lhe saiu da garganta.

O filho, o seu Francisco, de mangas arregaçadas e sorriso confiante, completava, afanosamente, o trabalho do Pai. Um grande abraço prendeu os dois, durante longos minutos.

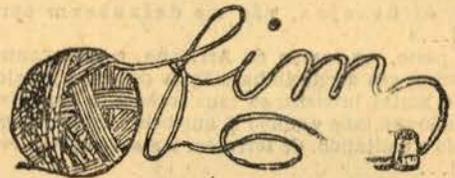
— «Perdôa, Pai! De mãos erguidas te imploro perdão. Eu fui um louco! Mas... sabes lá!... Paguei bem cara a minha feia acção! Davam-me fome; tratavam-me como um cão! Então, quiz voltar, confiante em que o meu sincero arrependimento mereceria o vosso perdão. De hoje em diante vais descançar na nossa casinha, ao lado da Mãe e da forja me encarrego eu.

Só agora compreendo a alegria que se encontra no trabalho e no perfeito cumprimento do Dever.

E agora vamos à Mãe, que quero enchê-la de beijos. Quiz fazer-te esta surpresa; agora, vamos lá.»

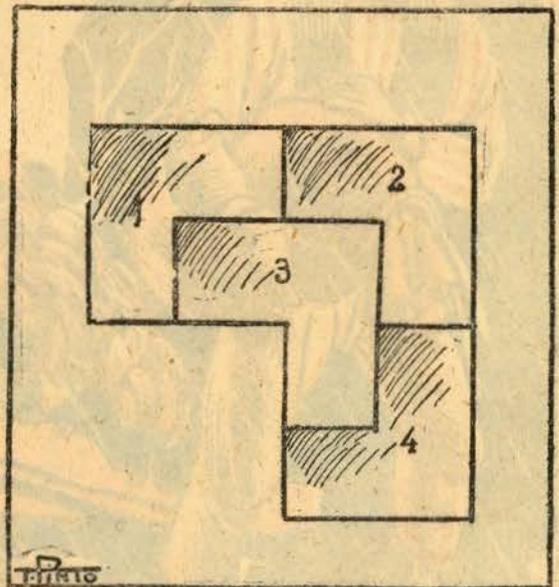
E os dois partiram, abraçados, ao encontro da Mãe, que nessa tarde matou as seis melhores galinhas da capoeira e deu de jantar à aldeia em peso.

O Francisco, hoje, ganha honestamente a sua vida, a forja tem prosperado e maldiz o momento em que, levado por insensatos pensamentos, se afastou do caminho que Deus lhe havia traçado na Vida.



A D I V I N H A

Solução da publicada no penúltimo número:



Aqui teem os meus meninos a solução do difícil problema que o Dr. Sheráp Hião Pata Etha foi chamado a resolver, após se terem visto em sérios embarços.



O CESTINHO DA COSTURA



SECÇÃO PARA MENINAS

por ABELHA MESTRA

Maria Augusta:

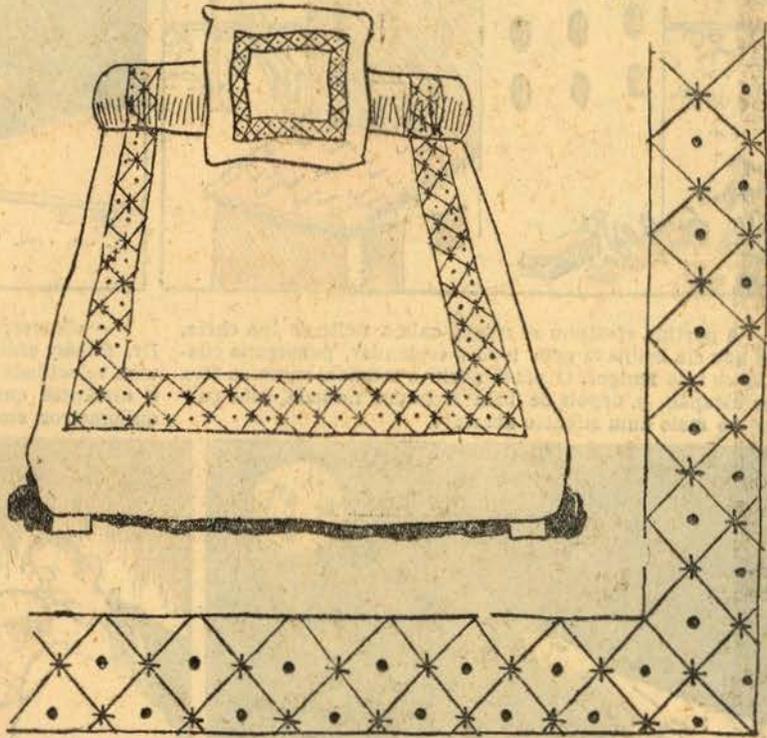
Como complemento dos jogos de cama, ultimamente aqui publicados, sai hoje, a teu pedido, o modelo da côcha e almofadinha que podes fazer em casa, cambraia ou organdi.

Borda-lhes a barra em ponto cadeia e nósinhos.

Depois de teres bordado as linhas, fazes no seu encontro dois pontos cruzados.

Com o tecido branco, qualquer côr vai bem para o bordado, mas se quiseres fazer a côcha noutro qualquer tom, podes empregar, por exemplo: — côr de rosa com a barra azul-escura; amarelo como a barra castanha; azul com barra côr de rosa; verde com barra branca.

ABELHA MESTRA



A HONRA (Continuação da página 2)

Nos olhos do ambulante
De alegria brilhou grande clarão.
— «É essa mesma, — disse êle, radiante —
Que veja o senhor mestre se é ou não.

Dentro dela há-de haver
Cartões meus e recibos assinados.»
— «Se é sua, aí a tem; ninguém a quere,
Nós sómos pobres, pobres mas honrados!...» —

Abraço satisfeito
O pobre e digo ao Gil: — «Há dignidade,
Há nobreza, honradez no humilde peito
Dêste homem bom, num mar de infelicidade!» —

Logo a seguir, o Gil
Abre a carteira e, generosamente,
Ofrece ao cavador escudos mil.
Este, porém, responde dignamente:

— «A dar-me nada tem!...
Cumprí o meu dever!... Tive consciência!...»
— «Tem de aceitar, senão, não levo a bem!» —
tornou o bom do Gil, com insistência,

— «Aceita, sim, senhor,
Quem manda agora aqui é o juiz!»
Volvi, alegremente, ao cavador.
E despedi, sorrindo, o par feliz.

O JULINHO GULOSO

(Continuação da página 4)

— «Pois sim... Mas...»
— «Ora, ora!... Deixe-se disso!...
Não há nada melhor do que os docinhos...»
— Mas sempre... sempre a mesma coisa...»

No dia seguinte continuou o regime. Julinho já não podia mais. E quando, ao almoço, a criada lhe apre-

sentou o prato dos bôlos, o petiz sentiu-se tão agoniado que suplicou:

— «Tira daqui êste prato imediatamente!... Já não suporto bôlos. Quero sôpa. Traze-me sôpa...»

— «Mas o menino não gosta dela!... É sôpa de bacalhau...»

— «Deixá-lo!... Antes bacalhau do que dôces de ovos!... Venha o bacalhau!...»

E o Julinho comeu sôpa e comeu fi-

letes e comeu hortaliça e batatas e peixe. Só não comeu bôlos...

Julinho curou-se para sempre do seu defeito. Deixou de ser guloso e nunca mais fez questão para comer a sôpa. Pelo contrário. Habitou-se de tal forma a ela, que hoje não pode passar sem a «sua rica sopinha!...»

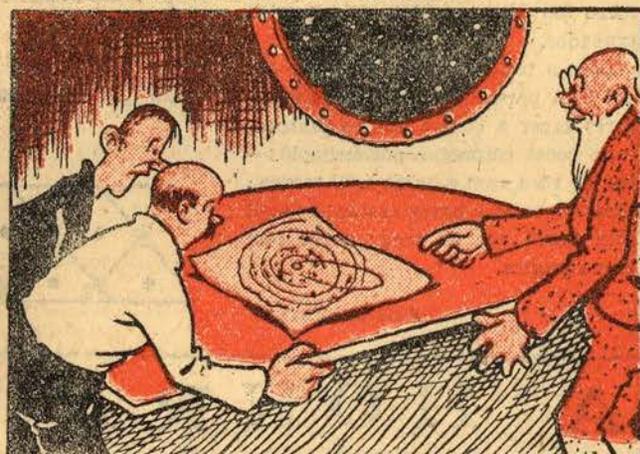
VIAGEM AOS PLANETAS

A CAMINHO DA LUA — (Continuado do número anterior)



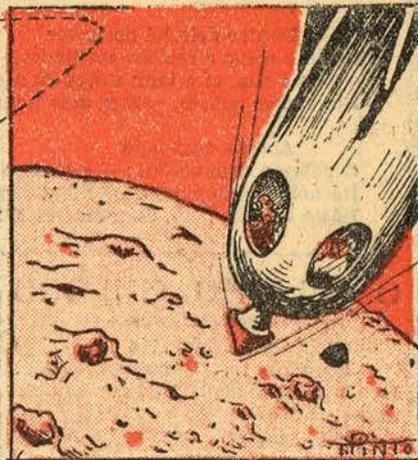
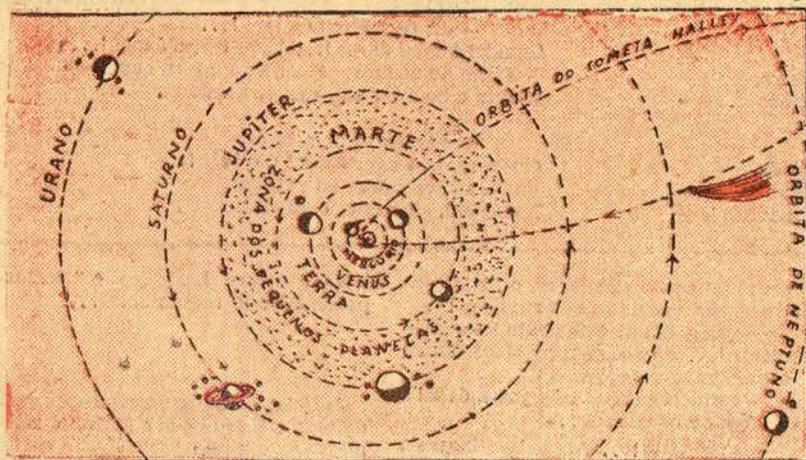
A partida efectuou-se numa calma noite de lua cheia, em que ela brilhava com todo o esplendor, parecendo chamar os três amigos. O sábio abriu o telhado, como se fôra um alçapão, e, depois de bem fechados na bala, esta partiu, no meio dum silêncio absoluto.

— «Correspondeu a tudo o que eu esperava... dizia o Dr. Sabão, entusiasmado. Corremos agora no espaço com uma velocidade de 10.000 quilómetros por minuto. E sendo a distância que nos separa da lua, como disse, de 380.000 quilómetros, em 40 minutos chegaremos lá.



A seguir, visitaremos os planetas Mercúrio e Vénus que são os mais próximos do sol, por isso chamados planetas inferiores ou interiores.

Em seguida, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno, que, como ficam fóra da órbita da terra, são os chamados exteriores ou superiores.



E o sábio mostrava aos dois amigos um gráfico representando a rotação dos planetas em volta do sol. Entretanto, a bala ia-se aproximando da lua com velo-

cidade espantosa e esta já mostrava, a olho nú, as suas montanhas majestosas, os seus círculos, semelhantes a enormes crateras... (CONTINUA)